

Corpo-em-arte, corpo-subjétil, corpo-possibilidade

Caroline Peter

Instituto de Artes/UNICAMP

Palavras-chave: Corpo Subjétil; Organicidade; Totalidade

Falar de corpo-em-arte é falar de um corpo em constante estado corpóreo ressignificado. É utilizar, semanticamente, uma terminologia que recebe a difícil função de grafar vocábulos que denotam a dinamicidade que esse estado registra, imbuindo-os de uma força que as vezes não acompanha o movimento e a intensidade de nosso trabalho, onde quer que ele se configure-sala de aula, estado cênico, treinamentos, pesquisas de campo. Mas, no entanto, o desejo de “materializar” impressões grafadas em meu corpo e de aprofundar vivências já experienciadas conduziram-me ao mestrado e a essa explanação, repleta de devires, de lacunas, de acabamentos infinitamente inacabáveis. Pedindo emprestadas as palavras de Deleuze, que diz que “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE in LEVY, 2003: 101), grafo minhas memórias, essas acionadas num “tom” extremamente bergsoniano, sendo uma duração, um acúmulo de um passado virtualizado e coexistente com meu presente que, sendo uma atualização, é uma recriação contínua, em/no/para meu corpo. Uma acumulação de vivências; um expurgo das aulas de dança moderna de Nair Moura, discípula de Cecy Frank¹ e dos treinamentos propostos pelo Lume, que, pairando sob minha pele, conduzem essa escrita.

Mais que isso, trouxeram-me o desconforto rizomático que permeia meu trabalho prático-conceitual. Uma inquietude surgida quando cogitei a possibilidade de aproximar os conceitos de totalidade e organicidade presentes nos dois trabalhos, o que me compeliu a trabalhar, desde então, num fluxo de multiplicidades no qual o meu pensar-corpo é lançado a cada instante. Mundo no qual não só novos conceitos são alicerçados, mas uma zona na qual navego sob alguns já cunhados, revisitando-os, como de corpo-subjétil, a fim de tentar entender o que existe nesse hiato *intelecto-corporal-poderia ser uma redundância, uma vez que o pensamento dança em meu corpo, legando perceptos e afectos em minha carne, em comunhão infinita- união de desejos, percepções, sensações, quererem outros*. Nesse sentido, o primeiro porto visitado é o conceito de **corpo-subjétil**, cunhado por Ferracini (2006), em seu livro, **Café com queijo, corpos em criação**.

Assumindo o corpo-subjétil como um estado entre, não dicotômico, “mas um corpo ao mesmo tempo formal e orgânico, um corpo que se auto alimentasse de sua própria potencialidade criando e recriando um comportamento extracotidiano transbordado dele mesmo e nele mesmo e que se lançasse para o espaço gerando, nesse lançamento, uma zona de arte e de inclusão” (FERACINI, 2006: 82) irá tomar emprestado conceito de subjétil de Derrida, em

Enlouquer o Subjétil, para tratar desse corpo em arte, espaço de coexistência de comportamentos múltiplos, zona em que os hábitos, práticas, fazeres e anseios de uma época, quer estejam no âmbito sócio-político ou econômico, quer no sócio-cultural aos quais denominamos cotidianidade, legando-nos comportamentos cotidianos e o comportamento extracotidiano, por alguns autores colocado em contraposição ao primeiro, são borrados, permeabilizados em devires intensos que propiciam sua convivência num mesmo corpo. Isso porque, habitam-no rizomaticamente, sem fragmentos de/em contraposição, sem espaços herméticos comportamentais contracolocados, sem atitudes ditas naturais-quando em comportamento cotidiano- em oposição ao artificiais-comportamento extracotidiano- pois o corpo possui uma potência artística em estado virtual, “um campo de intensidades que pode ser trabalhado e transbordado nele mesmo” (idem p. 85)Mesmo nos seus hábitos diários e situações corriqueiras de seu cotidiano,nas quais o esforço mínimo é sobressaliente, o corpo “tem o poder virtual de sua (re) criação e transbordamento dele mesmo para ele mesmo e que pode ser atualizado com muito trabalho e esforço ativo por parte dos atores” (ibidem)

Vendo o corpo subjétil como um fluxo, uma multiplicidade, **não localizável num ponto ou espaço específico**, mas como uma zona entre, ele é uma diagonal que atravessa os dualismos existentes no trabalho do ator- forma/vida, forma/conteúdo, técnica/vida, entre outros. Ele é rizoma, sem qualquer centro ou estrutura, uma vez que “engloba e diagonaliza um espaço ‘entre’ polaridades que se completam e uma ação que lança esse espaço ‘entre’ para fora, numa relação dinâmica”, sendo “um espaço de conexões e re-conexões infinitas(...) como um continuum de recriação que pode ser quebrado, retomado em outra ponta, reconstruído, mantendo-se numa autoprodução” (FERRACINI,2006: 87). Enfim, às palavras de Ferracini (2006), esse corpo uno em multiplicidades, que engloba todos os outros corpos, ações, comportamentos e zonas possíveis” chamado corpo-subjétil. Um território fugaz, um nomadismo constante e dependente do corpo cotidiano, ao mesmo tempo que dele se independe , ocorrido em devir, em um processo dinâmico de des/re territorialização do corpo cotidiano; um desvanecer contínuo- uma vez que é-vai sendo definido a cada momento presente em que ocorre-, autoproduzido pelo entre existente no conjunto de elementos que se juntam em Estado Cênico, pela troca, pela relação. Mas o que os une? O que permite ao corpo cotidiano criar e re-criar esse corpo-subjétil?

A **organicidade**, essa “geradora de ‘vida’ do trabalho do ator”, uma vida que a todo tempo se transforma, fluxo constante,naquela sensação muscular como agitação de algo quase indizível,intensivo” e que, no corpo-subjétil é vista “enquanto capacidade de uma certa espontaneidade enquanto autoprodução.”(idem p. 102) Vida vista por alguns autores como a própria organicidade- para Stanislavski, localizada na vida normal e cotidiana do ator; para

Grotowski, localizada no corpo do ator, em nível não cotidiano, sendo acionada por impulsos. No entanto, nesse trabalho, parto da conceituação feita por Ferracini (2006), que acredita ser a organicidade uma força geradora do próprio corpo-subjétil, suscitada pela relação dinâmica dos elementos que compõem o Estado Cênico, ao mesmo tempo que é responsável por mantê-los unidos. Uma força que os une pela constante recriação existente do corpo-subjétil e da zona de turbulência criada, sendo, ao mesmo tempo, habitada, por ele.

Concordando com essa denominação- organicidade enquanto força de relação e o **elemento responsável pela vetorização e pelo transbordamento do corpo cotidiano**- e avançando em tal pensamento, procuro pensar em organicidade em múltiplas zonas de possibilidades, ao mesmo tempo em que faço um “recorte” dentro do amplo conceito de Ferracini, colocando uma lente de aumento em alguns pontos, para ampliá-los e analisá-los helicoidalmente. Isso se refere a pelo menos 2 pontos: **1) vê-la enquanto força de relação in/corpórea**, ou seja, como mobilizadora de uma zona de sensações vibráteis em meu corpo enquanto recriação de minha cotidianidade, como força que lança minhas células, meus nutrientes, minhas macro e microscópicas estruturas a um vazio relacional-fenda construída e mantida pela confluência de fluxos que me arrebatam, reverberando em meu corpo sensações/emoções. Nesse sentido, me aproximo de Damásio e de todos os outros que se focam nos processos, nos “entres”, no que existe ininteligível e indizível no corpo. **2) vê-la enquanto força relacional com o outro.**

Aqui cabe salientar um ponto relevante: a organicidade para Ferracini refere-se a uma força que amalgama os elementos que compõem o Estado Cênico, sendo gerado pela relação rizomática dos mesmos. Nesse trabalho, focando-me mais enfaticamente no corpo subjétil enquanto relação consigo, penso-o enquanto PLASTICIDADE DE UM CORPO COTIDIANO pois é uma força que totaliza e integra as micropercepções e permite entrar no corpo subjétil, pela integração, rearranjo de devires sensíveis no corpo cotidiano.

Assim, o corpo subjétil como a plasticidade do corpo cotidiano, necessita de forças que possibilitem essa plasticidade e que atuem tanto de maneira in/corpóreas-que ativam suas micropercepções em fluxo rizomático intenso-quanto de forma relacional, borrando-se, arranham-se e recriam-se entre si e, com isso, gerando outras tantas outras forças e zonas. Essas forças existem em estado de coexistência intensiva no corpo dito cotidiano e estão apresentadas de maneira separada no que se refere a sua potencialidade no corpo do ateador - in/corpórea e relacional- por finalidade didática de escrita. Acredito que essas forças são a organicidade e a totalidade²

REFERÊNCIAS

FERRACINI, Renato. **Café com queijo- corpos em criação**. Campinas: Unicamp;2006

LÉVY, Tatiana Salem. **A Experiência do Fora- Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Notas:

Cecy Franck(1924-200): bailarina, professora de dança moderna e coreógrafa gaúcha, foi uma das precursoras da técnica de Martha Graham no estado do Rio Grande do Sul.

2 Parto do conceito de Garaudy para esse termo, no qual coloca que “o tronco, ou ombros, os braços, o rosto, o ventre e os quadris formam um todo único, um conjunto significativo. E isto constitui mais que uma lição de dança. É uma lição de moral: sermos inteiramente o que somos em tudo que fazemos.”(GARAUDY,1980, 87)